

LEITURA NO LIVRO DE IMAGEM: UM PASSEIO DE “IDA E VOLTA” PELO LIVRO DE JUAREZ MACHADO

MARIA LAURA POZZOBON SPENGLER (UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA).

Resumo

Há todo momento estamos sendo “metralhados” por imagens, que formam linguagens e que se fazem onipresentes em nosso mundo contemporâneo. Uma educação do olhar se faz necessária para que, desde a infância, possamos identificar os signos presentes nas mais diversas linguagens que nos cercam, sejam elas verbais e não-verbais e por meio da Literatura Infantil o leitor tem acesso a essas linguagens, especialmente, na leitura das imagens presentes nos livros. Efetiva-se ali a leitura imagética que antecede a leitura da palavra escrita e, depois disso, as imagens que interagem com o texto, a fim de inserir a criança em mundos e pontos de vistas dos mais diversos. Este texto objetiva refletir sobre a leitura de imagens em livros sem o texto escrito, nas obras da Literatura Infantil, realizada por alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental e seus professores. Para isto, tomamos como referencial teórico estudos que tratam de concepções de leitura de imagens, a partir de uma perspectiva peirceana de leitura de signos, o aporte de concepções de literatura infantil, bem como da Estética da Recepção. O foco de estudo e análise é o livro de imagem “Ida e Volta” (1976), do artista plástico catarinense Juarez Machado. A metodologia utilizada está baseada em entrevista com o artista, para conhecer seu ponto de vista e suas intenções ao realizar a obra literária, conta, também, com uma intervenção nos anos iniciais do ensino fundamental e o registro da leitura realizada por alunos de diferentes idades. Posteriormente, a realização de uma análise de caráter semiótico a partir dos signos inseridos nas imagens que se fazem presentes na obra. Destacando o papel preponderante da leitura do livro de imagem, como ponto de partida para a construção estética do leitor.

Palavras-chave:

LIVRO DE IMAGEM, LITERATURA INFANTIL, CRIANÇA.

Desde a história mais remota, conhecida pelo homem, a imagem marca sua presença de forma inegável, e através dela, o ser humano se expressa desde muito tempo antes da palavra escrita. Sua cultura se fortaleceu através da significação que estas imagens estabeleceram durante o percurso nas mais diversas épocas. E, atualmente, o mundo nos cerca de imagens durante todo o tempo, mensagens visuais que estão sendo estudadas e investigadas por diversas disciplinas de pesquisa.

A leitura das imagens é a primeira leitura de mundo manifestada na criança, pois a imagem é uma representação semiconcreta, mais direta que o código verbal escrito, que se apresenta de forma abstrata.

Na avalanche de imagens que se encontra o ser humano, nas quais o sujeito está inserido, existe a iminente necessidade de se educar o olhar, num ato de reflexão sobre a leitura que se faz dessas informações visuais e selecionar o conjunto de elementos que se fará importante para sua formação. Uma compreensão da cultura visual contemporânea.

Mesmo com a infinita quantidade de estímulos visuais e na imensa capacidade de transformação de imagens que caracteriza o mundo contemporâneo, é necessária

uma alfabetização do olhar, um aprendizado de leitura e de compreensão de imagens, para consolidar uma gama de possibilidades de construção de narrativas a partir do que se vê.

Assim como nos afirma OLIVEIRA:

Seria mais conveniente se, nas escolas de ensino fundamental, a iniciação à leitura das imagens precedesse a alfabetização convencional. Certamente teríamos no futuro melhores leitores e apreciadores das artes plásticas, do cinema e da TV, além de cidadãos mais críticos e participativos diante de todo o universo icônico que nos cerca. (...) A alfabetização visual proporcionaria à criança não apenas uma leitura melhor, mas também valorizaria a importância da beleza das letras, dos espaços em branco, das cores, da diagramação das páginas e da relação entre texto e imagem (2008: 29)

Oportunizando a introdução do leitor a um universo imagético, pode-se possibilitar a ampliação de sua capacidade reflexiva, um novo modo de construir representações internas e externas do mundo que o cerca, abrindo caminhos para novas leituras das mais diversas realidades.

A literatura infantil é representada em abordagem de interpretação imagética, carregada de significados, que são trazidos a partir de um contexto social e cultural infantil, favorecendo, à criança, o desenvolvimento de linguagem, pensamento, criação e transformação. E esta literatura é fundamentada pela Imagem, que sempre acompanha a narrativa da história que está sendo contada. A leitura da imagem é o ponto de partida para um processo de desenvolvimento e reflexão. Roger Mello, importante artista no campo da ilustração contemporânea brasileira, nos mostra seu ponto de vista a respeito da leitura de imagem.

A leitura visual não se restringe a decodificar os elementos narrativos, simbólicos, e o contexto em que se insere o objeto artístico. A imagem possui ritmo, contraste, dinâmica, direção e, ainda, uma série de outras características que não suportam ser traduzidas em palavras. A imagem tem lá os seus silêncios. (MELLO, 2002: 1)

O domínio para uma leitura de imagem é importante para o desenvolvimento cognitivo, artístico, imaginativo e cultural do leitor infantil. A imagem do livro infantil, a ilustração, é fonte de organização de pensamento, acompanhada de texto escrito, ou não, a imagem é agradável para a visualização do livro, apoiando a leitura, construindo formas, cenário e personagens, colaborando, assim, para a construção do pensamento da criança. Conseqüentemente, estes aspectos ajudam a refletir a compreensão da realidade, estimulando a criança a construir sua própria visão de mundo, e o olhar curioso, aperfeiçoado, possibilita à criança, a interação aos processos de socialização, especialmente em seu desenvolvimento de leitura literária. Como afirma Colomer (2003: 95), quando nos afirma que em livros infantis, o desenvolvimento literário de crianças apresenta dois campos de interesse, um deles, na iniciação da narrativa através da imagem, e também através da relação entre o texto e a imagem, nos livros.

A literatura, assim como qualquer obra de arte, é um conjunto de signos constituintes de um discurso, um conjunto de linguagens construtoras do texto e a literatura infantil é exemplo disso, já que se constitui de uma diversidade de linguagens, e a imagem, o instrumento primeiro de observação.

Assim, os livros de imagem nos trazem importantes contribuições para compreender e refletir a perspectiva da leitura da imagem como peça fundamental de narrativas, como nos coloca Bitar (2002: 31), quando afirma que a leitura de imagens em um livro contribui, para a criança, na aquisição de esquemas narrativos e também para a leitura futura dos textos que se relacionam com as imagens.

A ilustração nos livros infantis começou a obter o espaço de destaque que encontramos nas obras contemporâneas muito recentemente. Foi o livro *Ida e Volta*, do artista catarinense natural de Joinville, Juarez Machado, a primeira publicação do gênero no Brasil, em 1975.

ANEXO 1

O primeiro livro só de imagens feito por escritor/ilustrador brasileiro Juarez Machado: *Ida e Volta*, desenhado em 1969, o livro é publicado numa coedição Holanda/Alemanha, depois na França e Itália, em 1975, para finalmente, em 1976, ser publicado no Brasil (CAMARGO, 1995, p. 71). O livro traz não somente uma inovação no padrão de ilustração, mas também uma valorização ao talento dos ilustradores/ escritores brasileiros.

Zilberman (2005) argumenta que o livro de Juarez Machado é uma criação inovadora, mas comprometida com o gênero, proporcionando diversos caminhos de leitura, e por estar exclusivamente contemplado por ilustrações, não afasta o título do campo da literatura.

Juarez Machado se tornou conhecido, especialmente depois da década de 70 quando, no programa Fantástico, da TV Globo, realizava esquetes de mímica.

O livro *Ida e Volta*, nos apresenta uma dinâmica bastante interessante, por não apresentar o personagem principal da narrativa, apenas nos mostra indícios da pessoa que circula pelos diversos ambientes, alterando espaços, e se envolvendo situações, que demonstram intenso significado, como as flores entregues a uma senhora, em uma das ilustrações apresentadas no livro. Durante toda a narrativa, as imagens nos lançam pistas, abrindo opções em diferentes horizontes de expectativa, que são confirmadas na sequência da história. A característica enigmática da narrativa prende a atenção dos leitores, crianças ou não, que esperam ansiosamente o final da história, a fim de descobrir quem é a pessoa misteriosa.

Entre as múltiplas possibilidades de realização de atividades a partir da leitura de um livro de imagem, uma delas, seria a apresentação das ilustrações, de acordo com a sequência da narrativa, com um suporte eletrônico, como um projetor multimídia, para que todas as pessoas envolvidas na atividade possam observar os detalhes inseridos na imagem. A partir disto então, possibilitar a verbalização da

narrativa, através da oralidade, observando a diversidade dos detalhes encontrada no discurso de cada um dos leitores.

A partir do livro de imagem, proporciona-se ao leitor o contato com a arte, estimulando sua relação com o livro e com a literatura, abrindo portas de imaginação e olhares ao mundo. E assim, a leitura literária, colabora com sua formação, preenchendo espaços e necessidades, completando seus desejos e expectativas, oferecendo vivências e auxiliando na compreensão do mundo.

Juarez Machado: o artista

ANEXO 2

Juarez Machado nasceu em 16 de março de 1941 na cidade de Joinville, onde também passou sua infância, na companhia de sua mãe Leonora, de seu irmão Edson e, com uma frequência menos constante, do pai, que era caixeiro viajante.

Joinville mais parecia uma aldeia européia plantada no Sul do Brasil. Com população predominantemente de origem germânica, o alemão era tido como segunda língua. Os moradores se utilizavam de bicicletas, quantas bicicletas, levando homens, mulheres e crianças, as quais se transformavam em transporte privativo, essencial para garantir a cada um a liberdade de ir e vir.

Aos 18 anos, Juarez mudou-se para Curitiba, matriculando-se na EMBAP - Escola de Música e Belas-Artes do Paraná, frequentando regularmente o curso de cinco anos.

Em 1964, recém saído da escola, realizou sua primeira individual na Galeria Cocaco de Curitiba, iniciando uma carreira de contínuo sucesso. O tema da exposição: bicicletas.

Em 1965, Juarez mudou-se para o Rio, onde, com sua capacidade e versatilidade, abriu caminhos, conquistando espaço não só na pintura como em outras modalidades de comunicação.

Durante sua vida, além de pintor, foi também escultor, desenhista, caricaturista, mímico, designer, cenógrafo, escritor, fotógrafo e ator. Não houve dispersão, mas antes uma conjugação de todos esses elementos num único propósito, já que a arte não se divide em compartimentos estanques: eles se comunicam entre si e se completam um ao outro.

Foi chargista dos principais jornais do Rio de Janeiro, e também fez quadros de mímica no programa O Fantástico da TV Globo, no final dos anos 1970.

Pretendendo internacionalizar seu trabalho, em 1978 Juarez viajou a Nova York, Londres e, finalmente, foi a Paris, onde fixou residência e montou ateliê, o qual passou a funcionar sem prejuízo dos outros dois, já instalados no Rio de Janeiro e em Joinville. Como seu pai antes, ele tornou-se também um caixeiro-viajante, só que seu produto era a arte, brotada de um cérebro privilegiado, capaz de traduzir as emoções em cores e formas, as mais belas.

Em uma entrevista ao jornal de Joinville, na ocasião que inaugurava seu painel em um importante monumento da cidade. Juarez Machado (1996, p.1) fala sobre a letra e a música:

A palavra e a nota musical são duas das minhas maiores invejas. Eu morro de inveja de quem sabe escrever, e morro de inveja de quem sabe tocar algum instrumento, ou produz música. Eu sou completamente obtuso nestes dois assuntos. No escrever eu até me arrisco, ainda que com muita timidez. Porque, afinal, eu acabo escrevendo sempre sobre as coisas que eu pinto, não é? Eu não sei escrever nada se o assunto não estiver ligado à minha pintura. Conversando outro dia com uma grande amiga, professora de literatura e até minha tradutora das coisas que escrevo em português e ela traduz para o francês, a Michele Borjuois, que é uma francesa que morou no Brasil, inclusive, ela foi taxativa: "Juarez, você não escreve, você pinta. O teu texto é visual. Você escreve um quadro". Então eu acabo escrevendo os meus quadros e coisas ligadas a eles. Não tenho a pretensão de sair escrevendo coisas de verdade.

Juarez Machado se aventurou na ilustração de livros destinados ao público infantil, e dentre seus livros, o mais importante é *Ida e Volta*, que é o marco do início do livro de imagens no Brasil.

Hoje mora em Paris, mas ainda mantém seus ateliês, em Joinville e no Rio de Janeiro, lugar onde morou durante a produção de suas obras destinadas ao público infantil.

O livro *Ida e Volta*

Santaella (1990: 33) propõe três faculdades necessárias para se desenvolver uma tarefa de leitura de imagens: 1) a capacidade contemplativa, isto é, abrir as janelas do espírito e ver o que está diante dos olhos; 2) saber distinguir, discriminar resolutamente diferenças nessas observações, e 3) ser capaz de generalizar as observações em classes ou categorias abrangentes.

A leitura da imagem do livro de literatura infantil, perpassa estas três faculdades, da contemplação da ilustração, distinção e generalização, trazendo a compreensão do todo. Então, é através da semiótica que se pode ter uma teoria de leitura de imagens.

Da mesma maneira que Peirce em seu modelo triádico de representação, mostrado por Santaella. Barthes (2006) distingue a relação da leitura de imagens entre diferentes níveis de significação: nível denotativo, é literal, não depende de convenções culturais, e o nível conotativo, que depende de convenções culturais. No primeiro nível, o denotativo, existe somente a necessidade de conhecimentos linguísticos e antropológicos, já no segundo nível, conotativo, há necessidade de conhecimentos culturais. Bem como afirma Penn:

O ato de ler um texto ou uma imagem é, pois, um processo interpretativo. O sentido é gerado na interação do leitor com o material. O sentido que o leitor vai dar irá variar de acordo com os conhecimentos a ele(a) acessíveis, através da experiência e da proeminência cultural (PENN in BAUER; GASKELL, 2008: 324).

Nesta perspectiva, um estudo sobre a análise semiótica foi desenvolvido por Gemma Penn (2008) que nos fornece um referencial para analisar semioticamente imagens paradas, e para isto elabora um roteiro de análise:

Em um primeiro momento exista a escolha do material, em seguida elabora-se um inventário denotativo das imagens, que visa identificar os elementos do material utilizado, uma catalogação literal do material e conhecimento da linguagem utilizada. A partir desta leitura então, realiza-se um inventário conotativo, se busca a análise das significações, nas relações entre o signo e o conceito que ele representa, associações e correspondências. Para este estágio existe a necessidade da compreensão do código de conhecimentos culturais que estão além da interpretação denotativa. Finalizando então com a elaboração de um relatório, onde as análises devem referenciar os níveis de significação e as relações entre os elementos do material.

De acordo com este método elaborado por Penn, as imagens presentes no livro *Ida e Volta* de Juarez Machado podem ser assim interpretadas:

ANEXO 3:

A capa dá início à narrativa, ao mostrar as pegadas e um chuveiro com a cortina aberta. Na capa estão indicadas as palavras que dão nome ao livro e as informações de editora e do prêmio de melhor livro de imagem escolhido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A capa e a contracapa proporcionam o início, o fim e o reinício da narrativa, já que a contracapa mostra as pegadas verdes indo em direção ao chuveiro com a cortina fechada e água ligada, e a capa traz o chuveiro desligado com a cortina aberta e as pegadas na cor azul se movendo para outro lugar.

A folha de rosto pode-se observar que as pegadas ainda continuam o caminho, movendo-se para a direita, como se alguém estivesse se movimento, se locomovendo de um lugar a outro.

A próxima cena mostra as pegadas azuis, e o personagem escolhe dentre as roupas, sapatos e acessórios que estão dentro do guarda roupa. Pela mudança das pegadas, pode-se saber, que o pé que antes estava descalço, agora vestiu um sapato e continuou sua caminhada. Pela forma das pegadas que seguem, não se pode saber o traje escolhido pelo personagem, mas sabe-se da ação pelo cabide vazio que ficou pendurado no guarda roupa.

Na cena seguinte, as pegadas se dirigem a uma mesa mostrando que o personagem se alimentou, sentando na cadeira perto da mesa, a cadeira foi movimentada, percebe-se isso pela posição das pegadas embaixo da mesa, e as

migalhas do pão que ficaram no prato, mostram que o personagem comeu. Na xícara ficou um resto de café e o guardanapo está bagunçado em cima da mesa. As pegadas continuam a página.

Na sequência, a próxima cena apresenta um gramofone e pelo movimento das pegadas, pode-se perceber que o personagem dançou ao ligar o gramofone, ao som da música que o aparelho produziu. As pegadas estão cercadas de linhas pontilhadas, que indicam o movimento.

Para a próxima cena surge um cabide de chapéus, percebe-se as pegadas que continuam indicando um caminho à direita, sabe-se que o personagem escolheu um dos chapéus do cabide, pelo fato de haver um dos ganchos vazios.

A próxima cena mostra o lado externo da casa, ao sair de casa, o personagem desceu os degraus e pegou uma maçã da árvore perto da porta, isso pode ser percebido pelas folhas que caíram do galho, indicando movimento, as pegadas no chão também mostram que o personagem se colocou perto da macieira antes de continuar caminhando.

As pegadas pretas estão também na próxima cena, existe a confirmação de que o personagem pegou a maçã na árvore, pois há uma fruta mordida dentro da lixeira da rua, no caminho, o personagem encontra um animal, os detalhes das pequenas pegadas indicam isso, o animal segue o mesmo caminho do personagem, já que suas pegadas seguem a mesma direção das pegadas do personagem.

Na cena seguinte existe a comprovação de que as pegadas pequenas eram mesmo de um animal, pois existe a presença da poça amarela perto do poste, o que indica que esse animal é um cachorro. Depois de contornar o poste, as pegadas ainda seguem juntas.

As pegadas pequenas somem dentro de uma casinha de animal colorida, com desenhos de nuvens, estrelas, arco íris e flores, e um pequeno pote de comida do lado da casinha. As pegadas grandes de cor preta ainda continuam aparecendo nesta cena. Comprova-se a presença de um cachorro. As pegadas somem na entrada da casinha, indicando que o cachorro ficou por ali.

Agora a cena mostra uma prateleira de vasos de flores, as pegadas do personagem seguem sozinhas e ele encontra um vendedor de flores. Nesta banca de flores, o personagem compra um dos vasos, isto se percebe, porque na prateleira dos vasos, falta um. E as pegadas indicam que o personagem parou na frente das flores.

Na cena que se segue, novamente surge uma figura humana, as pegadas do personagem se colocam na frente de uma senhora, e esta segura um vaso semelhante àqueles da cena anterior, sinal que mostra que o personagem entregou o vaso à ela. As pegadas continuam seguindo à direita.

Na mesma parede de concreto, agora aparece uma porta aberta de madeira com detalhes em ferro e algumas pequenas pegadas de sapato acompanham as pegadas grandes existentes nas outras cenas. Esta cena mostra que um novo personagem de pegadas pequenas saiu da porta que está aberta e acompanhou o personagem do livro na mesma direção.

Na próxima cena, as pegadas, grandes e pequenas se cruzam, as pegadas pequenas mostram o personagem que está com pernas de pau, e a placa pendurada em seu pescoço mostra que é um artista de circo. As pegadas do

personagem e do artista se cruzam durante o trajeto, o personagem continua sua caminhada.

Seguindo, a próxima cena mostra um gramado e várias pegadas que se misturam mostrando que o personagem passou pelo mesmo lugar muitas vezes, e chutou a bola contra a janela, que se quebrou, a bola e os cacos de vidro estão próximos.

Na sequência, as pegadas entram em uma porta, as pegadas do personagem indicam que ele entrou em uma loja de bicicletas e saiu de lá com uma bicicleta, pois a sequência do caminho mostra as linhas que indicam um pequeno pneu.

A próxima cena mostra uma rua de descida e a estrada está mostrando que o personagem está descendo uma ladeira com a bicicleta, e que no lugar onde está, existe praia, pois ao fundo da figura pode-se ver o mar e um barco. Na descida percebe-se um pequeno descontrole da bicicleta, pois as linhas que antes estavam retas, agora estão sinuosas.

Na última cena do livro, pode-se ver que o personagem acabou manchando um painel que estava sendo pintado, pois sua bicicleta está estragada e a escada quebrada. As tintas estão viradas e espalhadas pelo chão, especialmente a tinta verde. O personagem pisa na tinta com seu sapato, larga o sapato no chão e sai descalço, deixando no chão pegadas verdes. Esta cena leva à contracapa do livro, na qual as pegadas verdes direcionam o personagem ao chuveiro.

Durante toda a narrativa, o personagem se desloca de um lugar a outro, isso é demonstrado pelas pegadas sempre na mesma direção e pela virada de páginas, com as mudanças de ambientes. Em todas as cenas as pegadas se deslocam para a direita, indicando os lugares de parada do personagem pela mudança na posição das pegadas.

Todas as cenas mostram indícios de passagem e de movimento, como as migalhas no prato, a dança ou as folhas caindo da macieira.

Durante todo o tempo, existe a interação do personagem com outros elementos de narrativa, e com outros personagens: o cachorro, o vendedor de flores, a senhora, o artista do circo, e há indícios de que ainda existem outros personagens que não aparecem nas ilustrações, mas sabe-se da existência deles, como o vendedor da loja de bicicletas, ou o pintor da placa do circo.

O fundo branco, presente em todas as cenas, destaca as cores vivas utilizadas nas ilustrações. E todas as imagens apresentam um mesmo enquadramento, as cenas vistas de frente em diferentes ambientes com paisagens de fundo que mostram lugares diferentes um do outro, em cada cena, o personagem está em outro ambiente, o que evidencia o movimento do personagem e da narrativa.

A narrativa traz muitas possibilidades de construção de ideia de personagem, já que pelas indicações nas cenas, não se pode saber com certeza, que tipo de roupa está vestindo, ou sapato está usando, se é homem ou mulher, sabe-se somente que gosta de esportes, pelos artigos presentes no guarda roupa.

Todas as cenas são seqüenciais, a história se conta pelo virar de páginas. Todas as imagens vão deixando sinais ao leitor, que já imagina o que virá a seguir. A expressão é quase unicamente visual, somente em duas cenas aparecem palavras indicando a presença de um circo.

O enredo da narrativa só acaba quando o começo é retomado. Na última cena, o leitor volta ao início, e novos significados podem ser inseridos a uma nova leitura. Por ser uma história não linear, só se saberá do final da história no quando se chegar à última imagem do livro, assim a compreensão da narrativa se dará no decorrer da leitura.

REFERÊNCIAS:

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BITAR, Mariangela Lopes. **Produção oral de crianças a partir da leitura de imagens**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2002.

CAMARGO, Luis. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003.

MACHADO, Juarez. **Ida e Volta**. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

MACHADO, Juarez. **Entrevista concedida a Apolinário Ternes para o Jornal A Notícia**. Disponível em: < <http://www1.an.com.br/grande/machado/0gra1.htm> >. Acesso em: 29 de junho de 2009.

MELLO, Roger. **A arte olhando o mundo: O olhar do artista**. In: Leitura e imagem. 2002. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/lii/liitxt2.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2009.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças de jovens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica** (Coleção primeiros passos, 103). São Paulo: Brasiliense, 1990.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.





